

# **TSING, Anna Lownhaupt. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB/Mil Folhas. 284 p**

RICARDO DE ALMEIDA MARCHIORI 

Pesquisador Independente, São Paulo, São Paulo, Brasil  
ric.marchiori@gmail.com

**DOI** 10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe179012

O lançamento de *The Mushroom at the End of The World* (TSING 2015) popularizou o nome de Anna Lownhaupt Tsing entre os círculos antropológicos e estabeleceu mais um marco para uma antropologia multiespecífica, se tornando leitura importante em nosso tempo contemporâneo combatido pela mudança ambiental. Sua proposta de acompanhar os cogumelos matsutake em florestas perturbadas pela presença humana no Japão, no sudeste asiático e na costa pacífica estadunidense ofereceu uma rica etnografia destas paisagens multiespecíficas e suas cadeias globais, entregue em uma escrita cuidadosa e reflexiva.

Este primeiro livro da autora lançado no Brasil, *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno* (TSING 2019) aprofunda sua proposta de etnografia multiespecífica apresentando desdobramentos metodológicos e conceituais. São 10 ensaios inéditos em português, publicados originalmente em revistas acadêmicas ou como capítulos de livros, ilustrados por fotos, pinturas e gravuras.

O livro está dividido em 3 seções, intercaladas por interlúdios. A primeira parte, aberta pelo interlúdio “Contaminação”, foi escrita durante sua pesquisa com os cogumelos matsutake (*Tricholoma matsutake*). A segunda parte, introduzida pelo interlúdio “Ocupe as Ruínas”, explora convenções disciplinares da antropologia, apresentando ferramentas para escapar do excepcionalismo humano. A terceira e última seção, “Destroços e Recuperação” nos apresenta, segundo a própria autora, os rumos que sua pesquisa está levando.

Ao longo do livro, Anna Tsing busca considerar o desafio contemporâneo de viver bem com os outros - outras espécies e outras culturas, em um mundo de perturbação humana. Ela traz como insumo para essa inquietação diversos projetos marcados pelo mutualismo transdisciplinar, coordenados pela preocupação compartilhada entre antropólogos e biólogos com a diminuição da habitabilidade da terra, cada vez mais reduzida a recursos para processos industriais e a acumulação capitalista.

Uma maneira de falar dessa simplificação industrial em escala mundial e seus efeitos colaterais é falar do Antropoceno. O conceito permite novas conversas entre as ciências naturais e as humanidades, interrompendo a tendência de uma era anterior na qual as pontes entre essas disciplinas se encontravam fechadas.

Partindo dos novos terrores da falta de habitabilidade no planeta, como a contaminação química e radioativa e a transferência global de organismos em escala industrial, Tsing nos abre um parêntese na sensação vertiginosa de uma crise constante e tece um novo olhar para entender nosso mundo em colapso: como habitar suas ruínas.

Para ela, explorar a habitabilidade exige a apreciação das paisagens como ferramentas analíticas que nos permitem pensar através de uma variedade de escalas, de tempos distantes a eventos atuais, reunindo modos de ser em formação.

Não pretendo sintetizar cada capítulo nem dar conta de um livro tão rico em histórias, reflexões e descrições, mas sim tentar costurar a proposta de Tsing para um diálogo entre as ciências humanas e naturais e apresentar seus conceitos centrais: descrição crítica, paisagem, habitabilidade, *plantation* e Antropoceno.

No interlúdio *Contaminação*, Tsing afirma que “nosso tempo é o “Antropoceno”, a era da perturbação humana” (TSING 2019: p.23). Uma era de extinção em massa, mas também de emergências de diversidades contaminadas. Diversidade contaminada são os modos culturais e biológicos de vida que se desenvolveram nos últimos milhares de anos de difusão da perturbação humana.

Onde ela ocorre, apesar da influência antropogênica, a biodiversidade é relativamente alta e a colaboração interespecífica é crucial, então ela se pergunta: como podemos trabalhar em direção a um planeta de perturbação lenta<sup>1</sup>?

Uma das respostas é incluir as pessoas nas histórias destas paisagens, narrar as histórias em que a “diversidade biocultural” emerge, um termo que para ela oferece a dádiva de evidenciar o papel da ação humana em manejar a paisagem e estimular a biodiversidade.

Em “Dançando na Floresta de Cogumelos” a autora segue os forrageadores nas ruínas de florestas industriais do Oregon atrás de matsutake. Ela resume seu trabalho de campo neste local apresentando os distintos grupos sociais que coletam cogumelos, explorando seu entendimento sobre aquele tipo de trabalho<sup>2</sup> e investigando como eles se transformam em especialistas em forrageamento de cogumelos através de seus corpos, uma performance que ela irá considerar

---

<sup>1</sup> “Uso o adjetivo ‘lento’ em diálogo com slow foods e slow cities; lentidão é um sonho a encorajar, mais do que um traço a objetificar” (TSING 2019: p.23).

<sup>2</sup> “O trabalho, disse ele, envolve seguir ordens. É preciso aturar o ônus constante da hierarquia. Diferentemente, a colheita de cogumelos é a ‘procura’. Procurar envolve iniciativa e conscientização. Os cogumelos são difíceis de encontrar. É preciso usar todos os sentidos” (TSING 2019: p.31).

uma forma de dança: “acompanhar as danças da floresta de matsutake envolve-nos na riqueza da diversidade cultural e biológica” (TSING 2019: p.31).

No capítulo 2, “Arte da Inclusão, ou, como amar um cogumelo”, a atenção de Tsing passa dos forrageadores ao solo sobre o qual caminham, junto às interações de fungos e raízes que criam a micorriza, estruturas que conectam a floresta em emaranhados, nos quais os fungos dissolvem os açúcares disponíveis no solo e disponibilizam nutrientes para essa rede subterrânea. Infelizmente, essa intensa colaboração passa despercebida, então ela apresenta entusiastas de fungos que compartilham seus conhecimentos sobre o matsutake como forma de sensibilizar outros públicos através de projetos de ciência cidadã e de conservação, formas distintas de se amar o fungo, diversas e até contraditórias - “as ciências e as ecologias sociais e naturais das quais participam estão ligadas, mas não são contínuas em nenhum sentido simples” (TSING 2019: p.59).

Em comum, cada uma das intervenções apresentadas por Tsing contrasta com o credo hegemônico que pode ser chamado de ciência das *plantations*, no qual a relação é de especialista e objeto. Ela oferece esses casos como uma proposta de projetos de ciência democrática e bem-estar publicamente inclusivos.

Em “Strathern além dos humanos: testemunho de um esporo”, a autora trabalha um de seus conceitos-chaves, a descrição crítica - “a arte de perceber o entrelaçamento das relações entre seres humanos e outras espécies por meio de escalas múltiplas não aninhadas” (TSING 2019: p.66). Ela realiza isso através da introdução do esporo fúngico como sujeito etnográfico, em um experimento que dialoga e presta homenagem ao dispositivo de comparação de Marilyn Strathern: é possível contrastar duas formas divergentes de olhar uma paisagem, a ecológica e a cultural? Se sim, quais as pressuposições de cada uma?

O segundo interlúdio, “Ocupe as ruínas”, clama por “ocupar Fukushima, e todas aquelas ruínas em que ainda devemos viver. Ocupar é dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as probabilidades estejam contra nós” (TSING 2019: p.87). Ocupar também a comida, interrompendo as cadeias de suprimento de alimentos mortais, um sinal da ruína de nossos tempos.

Para se contrapor a esse estado de coisas, destaca a importância de movimentos de alimentação saudável e comércio justo, políticas alimentares e o florescimento de sistemas alimentares alternativos. Para ela, neles se encontram presentes as principais características do movimento *Occupy*: enorme diversidade de pessoas e causas e a capacidade de formar conexões fortalecedoras entre continentes, culturas e espécies, que nos ajuda a saber como resistir em um mundo colonizado pelo espírito neoliberal.

No artigo “Em meio à perturbação: simbiose, coordenação, história e paisagem”, Tsing explora novas convenções para tentar reviver a paisagem como uma protagonista, não como

uma representação distante, mas sim como assembleia<sup>3</sup> multiespecífica emergente. Trabalha com paisagens animadas nas quais humanos são parte do mutualismo que fazem muitas formas de vida prosperarem a partir de um conceito muito caro para ela: a simbiose. “A simbiose se desenvolve em uma inesperada conjuntura histórica, um pequeno milagre não planejado no qual as partes estabelecem novas coordenações” (TSING 2019: p.92).

Por ser impossível se apropriar do termo sem passar pela biologia e a síntese moderna<sup>4</sup>, Tsing contrapõe a antropologia com as disciplinas da biologia populacional e da economia neoclássica, ambas centradas em indivíduos e análises que pressupõem unidades autônomas em competição para maximizar seus interesses, criando efeitos agregados no processo.

Em contraste, ela apresenta como aliada a biologia do desenvolvimento, que percebe cada vez mais a necessidade que um organismo tem do outro para se desenvolver, inclusive de outras espécies: “jamais fomos indivíduos” (TSING 2019: p.97). Aqui, a evolução seletiva relacionamentos e não unidades individuais. A simbiose, portanto, é parte do processo evolutivo e não sua exceção. Ainda que não abandonem genes, organismos e populações, o interesse disciplinar é ver como emergem essas relações e como negociam a sobrevivência e a continuidade histórica.

Além do sentido biológico, simbiose pode ser compreendida como pensamento colaborativo entre as humanidades e as ciências naturais, ambas atentas e preocupadas com histórias humanas e não humanas entrelaçadas no surgimento de paisagens de habitabilidade multiespecie.

Aprofundando a simbiose entre ciências humanas e naturais, em “Socialidade mais que humana: um chamado para a descrição crítica”, Tsing estabelece pontes por meio do conceito de descrição crítica, ferramenta necessária para ver histórias humanas dentro de um campo de histórias multiespecie. A descrição crítica é chave para considerar a socialidade mais que humana em uma dada paisagem particular.

Tsing retorna à simplificação produtiva da síntese moderna da biologia e como outras disciplinas tiveram que viver à sua sombra, nos inquietando a procurar novos aliados em pesquisadores que se concentram mais particularmente em algumas das relações sociais sobre as quais queremos saber. Neste diálogo, talvez eles também se beneficiem das posições mais críticas da antropologia.

O sexto texto, intitulado “Quando as coisas que estudam respondem entre si: ferramentas para desempacotar o ‘material’”, é uma discussão metodológica sobre análise do material fruto de nossas descrições. Tsing nutre-se das relações que emergem entre humanos e

---

<sup>3</sup> A autora utiliza o termo em seu sentido na ecologia da paisagem, como organismos encontrados juntos agrupados em algum lugar, mas deixa o termo aberto aos sentidos políticos e culturais da proposta de Deleuze e Guattari.

<sup>4</sup> O nome se refere a fusão da teoria evolucionária de Darwin e do dispositivo da herança genética.

não humanos nos estudos da ciência e tecnologia e adiciona o novo animismo para então para sugerir três intervenções sobre o “material”.

A primeira é a observação direta, conhecer por si mesmo o mundo natural e o cultural. A segunda é observar a “coordenação”, assistir a ação sem exigir comunicação intencional entre os participantes, em sintonia com o tempo e a história. Sua terceira intervenção retoma o conceito de paisagem: “é fundamentar a pesquisa e análise em uma paisagem. Uma paisagem é o sedimento de atividades humanas e não humanas, bióticas e abióticas, importantes e construídas sem intenção” (TSING 2019: p.149).

O interlúdio mais extenso, “Destroços e Recuperação”, sintetiza as principais questões metodológicas do livro. É um chamado a renovação do olhar dos estudiosos sobre o “mundo natural”, que neste momento se caracteriza, entre diversas ocorrências, pela mudança climática, a erosão e assoreamento de rios, a extinção em massa, o desmatamento e a acidificação do oceano. A partir das Gifford Lectures proferidas por Latour (2020) Tsing questiona alguns termos do conflito político latouriano com etnografias de seu projeto *Aarhus University Research on the Anthropocene* (AURA) visando oferecer caminhos para se fazer uma antropologia da ruína sem correremos o risco de sermos chamados de apocalípticos.

“Sobre a não escalabilidade: o mundo vivo não é submisso a escalas de precisão aninhadas”, sétimo capítulo da obra, entra na economia política e nas ecologias das cadeias de suprimento do capitalismo globalizado, oferecendo uma teoria da não escalabilidade. O objetivo é chamar a atenção ao monte de ruínas que essa concepção de progresso deixa para trás. O termo escalabilidade provém do mundo dos negócios, a capacidade de uma empresa de se expandir sem mudar a natureza do que ela faz, criando economias de escala. Essa qualidade permitiu tanto a empreitada colonial quanto as atuais cadeias de fornecimento globais do século XXI.

O Brasil entra em cena para ilustrar as *plantations* de cana de açúcar como modelos de escalabilidade, experimento colonial português no qual as espécies são coagidas a crescerem sem a cooperação de outras espécies, em monoculturas. Essas práticas de cultivo controladas através de plantio por clonagem, trabalho escravo e terras conquistadas criam “nonsoels”, um neologismo para não social, elementos desenhados para a expansão que mostraram ao longo da história um potencial imenso para gerar lucros. Contudo, a não escalabilidade não pode ser entendida, *a priori*, como melhor ou superior, a não escalabilidade apenas aponta a ausência de um tipo de planejamento específico, que visa simplificar ecologias, reduzir sua complexidade e excluir a diversidade biológica e cultural. A escalabilidade articula elementos escaláveis e não escaláveis nos quais os últimos podem ser ocultados e minimizados.

“Terra Perseguida pelo Homem” é nossa condição atual. Neste ensaio, a autora encara o Antropoceno através da ambivalência constitutiva do Iluminismo: a figura do *Homem*. Ao compartilhar o mesmo prefixo, Antropologia e Antropoceno atestam suas raízes na genealogia do Homem iluminista, então ela aciona o perspectivismo para pensar o humano na disciplina.

Apesar das ambivalências, Tsing permanece com o termo Antropoceno apesar de tudo porque ainda o vê como aberto a diálogos que podem alterar seu sentido, uma ambivalência de inspiração stratherniana que mantém a genealogia do conceito em evidência.

O conceito de sustentabilidade, tão maltratado, é levado a sério em “Uma ameaça para a ressurgência holocênica é uma ameaça à habitabilidade”, entendido como um assunto multiespécie. Aqui, a sustentabilidade é a capacidade dos modos de vida humanos de se alinharem à dinâmica do ressurgimento de múltiplas espécies. Resgatar este sentido radical permite reconstruir paisagens habitáveis através das ações de múltiplos organismos.

A ressurgência é a emergência de assembleias de habitabilidade multiespécies e seu oposto é a *proliferação*, a disseminação incontrolável dos projetos de vida simplificadoras das *plantations*. Os elementos que não são reconhecidos como escaláveis são barrados e a ressurgência é bloqueada. A ressurgência como necessária à habitabilidade é outro ponto de conexão entre a biologia e a antropologia, que deve rastrear e situar as histórias culturais em que essas relações emergem.

Por fim, em “O Cervo, o Touro e o sonho do veado: algumas pragas inesperadas do Antropoceno”, Tsing prossegue em sua linha de pesquisa que desestabiliza o excepcionalismo humano, dialogando com os autores da chamada virada ontológica<sup>5</sup> e incluindo os não humanos em seu fazer de mundos com o conceito de “seres ônticos”, de Helena Verran (2001).

Ela vê as pragas como desafios à estabilidade e as percebe elementos de paisagens ferais, que elucidam como as assembleias de paisagens se juntam e também como podem vir a se desfazer. O desafio é deixar a paisagem interromper histórias universais do Antropoceno, abrindo caminho para a heterogeneidade que a antropologia consegue captar.

Estas foram as ferramentas e reflexões que Tsing oferece. Em geral, ela afirma, a antropologia não leva a sério as ameaças à habitabilidade porque seus métodos etnográficos carregam a predisposição a perceber o sucesso na vivência, mesmo onde há intensos desafios ambientais. Considerar a habitabilidade das paisagens e descrever as histórias multiespécies que elas encerram estabelece pontes com as ciências naturais e projeta novos sentidos ao Antropoceno, descrevendo a natureza semiótica e material de seus fragmentos:

Precisamos entender as afinidades humanas e não humanas que possibilitam os arranjos antropocêntricos, bem como as trajetórias históricas mais-que-humanas que se juntam em terríveis hegemonias e manchas de esperança ou resistência. Essas são as tarefas que os antropólogos treinaram para realizar.

---

<sup>5</sup> “Estou repleta de excitação e respeito por esse movimento, que acordou a antropologia de uma longa letargia” (TSING 2019: p.262).

Um novo campo está nos esperando - e exige atenção urgente (TSING 2019: p.238)

### **Referências Bibliográficas**

LATOUR, Bruno. (2020). *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza do Antropoceno*. São Paulo: Editora Ubu

TSING, Anna. (2015). *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton: Princeton University Press.

TSING, Anna. (2019). *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB/Mil Folhas.

VERRAN, Helena. (2001). *Science and African Logic*. Chicago: University of Chicago Press.

### **sobre o autor**

#### **Ricardo de Almeida Marchiori**

É cientista social, graduado pela Universidade de São Paulo, onde também concluiu o mestrado em Filosofia no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP).

**Recebido em: 07/12/2020**

**Aceito para publicação em 22/12/2020**